

OS LAGIADAS

(Excerpto)

INTRODUÇÃO

1

Os burros e os ladrões assignalados
Que do seu Portugal republicano
Em porões de navios rebentados
Vieram dar ao Brasil a todo panno,
Em "avanças" e roubos esforçados
Mais do que permittia o "cobre" humano,
Entre gente bondosa enriqueceram
Pelas mãos que nos bolsos lhe metteram :

2

A esses, synthetizados nesse vicio
No gatuno gallego João Gazua,
Que alta noite ensinou o seu patricio
Secundino assaltar á luz da lua,
E ao Affonso Coelho, sem supplicio,
Despojar brasileiros pela rua:
Surrando, levarei por toda parte
Se a tanto me ajudar a espora e a Arte.

3

Cesse do grande Rocca e do Carletto
A noticia dos roubos que fizeram;
Fechem-se os palitots, que o tempo é preto,
Trema o chão que os seus cascos dilaceram;
Tranque-se o povo, arranque-se o coreto,
Fiquem presas as pratas que o não eram,
Que eu começo a cantar em som profundo
O maior dos gatunos deste mundo!

4

E tu, Ali-Babá, que te escondias
No recesso das rochas, pelas furnas;
E tu, Cacco, que aos homens te fugias
Pelas velhas estradas mais soturnas;
E ao ladrão calabrez, que troca os dias
Pelo ataque na sombra a horas nocturnas :
Cesse tudo que a antiga Musa canta
Que um gatuno mais alto se alevanta!

CANTO I

1

Era no mez de abril, do alto reinado
Do famoso Dom Hermes de La Mancha,
Que, apesar de velhusco, enamorado
Se sentiu da princeza Dona Sancha,
Cuja, com os seus encantos, com cuidado
No palacio a nobreza acolhe e arrancha,
Dando a este um negocio, áquelle — emprego,
E associando-se á firma do gallego.

2

João Gazúa, que é bicho sem familia,
De finura passada na peneira,
Aproveita a occasião, a ver se humilha
Essa incauta senhora brasileira;
Toma-lhe o seu segredo, embolsa e pilha
As promessas da infame bandalheira,
Acabando a tarefa insana e ingrata
Em fazer o negocio, que é o da prata.

3

Não celebra o meu verso tantos males
Como o desse negocio sem criterio;
Dominava o governo o Chico Salles,
Era nas suas mãos o Ministerio;
Nada mais natural que encher os vales)
E extender ao Thesouro o seu imperio,
— Que eu confesso, tambem dos brasileiros
Muitos houve ladrões e patoteiros.

4

Concertada a trapaça entre os bandidos
Ficou tudo ajustado com cautella:
Em logar dos gatunos escondidos,
Pago o premio gentil devido á bella,
Iam logo os direitos transferidos
A uns judeus allemães — incluso o della,
Do Azeredo, do irmão que o Salles punha,
E outros em quem a imprensa pôz a unha.

5

Posto o preto no branco, sem cuidado,
Sem as satisfações que a lei pedia,
Chico Salles, julgando terminado
O negocio illégal que então fazia
Foi do seu ministerio escorraçado,
Levando o ponta-pé que merecia,
Emquanto João Gazúa, arfando em banha,
Transferia o negocio na Allemanha.

6

Tinham no emtanto os fados resolvido
Que o gallego ficasse sem o "cobre":
O Brasil, apesar de corrompido,
De ter pouco mortal que se não dobre,
Ainda poudo, em seus zelos accendido,
Ajuntar gente honrada, embora pobre,
Que, antes que o logogrypho se decifre,
Foi pegando o gatuno pelo chifre.

7

João Gazúa, sentindo o ferro em braza
Lhe chiár feito um L, na trazeira,
Num Banco de Berlim fabrica uma aza,
Toma o rumo da terra brasileira,
Abre o chapéo de sol, entrando em casa,
Quer impôr aos demais a bandalheira,
Salta, a vêr se emquanto elle se arrepella
Fôe algum montador fóra da sella.

8

Mas, ó caso sublime e não contado!
O' milagre brasilico evidente!
Bittencourt continua escarranchado,
Da garupa Macedo passa á frente,
Mauricio de Medeiros vae de um lado,
Ferve em Pinto da Rocha o sangue ardente,
E todos, antes que o Gazúa arrote,
Vão entrando de esporas e chicote!

9

E é dest'arte, sentindo o passo lento
Da Justiça que vem, soturna e feia,
Que João Lage, em cuidadoso pensamento,
Da expulsão desta terra se arreceia:
Que eñe sabe, que, havendo julgamento,
Ainda além da expulsão levará peia —
— Para então conhecer, em forma humana,
Que isto aqui não é... pé de Mãe Joanna!

CAMÕES DE SALAMONDE